

No presente trabalho foi avaliado o efeito do estresse cíclico por calor durante uma hora em diferentes idades de desafio sobre o peso relativo do baço de frangos de corte. Foram utilizados 840 pintinhos machos da linhagem CobbAvian48™, alojados no primeiro dia de vida em esquema fatorial 4 x 4 em quatro idades de desafio (condições naturais de temperatura e umidade, estresse cíclico por calor de 16 a 21 dias, de 22 a 42 dias e de 16 a 42 dias) e quatro épocas (21, 28, 35 e 42 dias de idade). Aos 21, 28, 35 e 42 dias de vida foram abatidas seis aves e foi efetuada a pesagem, em gramas, do baço e calculada a sua porcentagem em relação ao peso vivo. Nas diferentes idades de desafio o estresse cíclico de uma hora não influenciou a porcentagem de baço ($p > 0,05$). A porcentagem de baço aos 35 dias foi maior em relação aos 21 e 28 dias, porém não diferiu da porcentagem do órgão encontrada aos 42 dias. O estresse cíclico por calor durante uma hora não causa prejuízo na porcentagem de baço independentemente da idade em que frangos de corte machos são desafiados. O desenvolvimento do baço dentro das idades estudadas (21, 28, 35 e 42 dias) situou-se dentro do fisiologicamente esperado.

Palavras-chave: Aves. Estresse térmico. Órgão Linfóide.

Agradecimento: Ao apoio dado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais – FAPEMIG, para a participação no evento.

SAÚDE E PRODUÇÃO DE AVES E SUÍNOS

P-137

PESO RELATIVO DO PÂNCREAS EM FRANGOS DE CORTE MACHOS EXPOSTOS AO ESTRESSE CÍCLICO POR CALOR

Fernanda Heloisa Litz¹; Naiara Simarro Fagundes²; Cristiane Ferreira Prazeres Marchini³; Mara Regina Bueno de Mattos Nascimento⁴; Evandro de Abreu Fernandes⁵; Paula Luiza Alves Pereira Andrada Silva⁶; Mark Andrew Alves Pereira Andrada Silva

¹Pós-graduanda em Ciências Veterinárias da Universidade Federal de Uberlândia; ²Pós-graduanda em Ciências Veterinárias da Universidade Federal de Uberlândia; ³Doutoranda em Ciência Animal da Universidade Federal de Goiás; ⁴Docente da Faculdade de Medicina Veterinária/UFU; ⁵Docente da Faculdade de Medicina Veterinária/UFU; ⁶Acadêmica de Medicina Veterinária, Faculdade de Medicina Veterinária/UFU. E-mail: paula-andrada@hotmail.com; ⁷Engenheiro Agrônomo, formado na Universidade Federal de Uberlândia

Diversas respostas fisiológicas têm sido demonstradas em aves expostas a estresse por calor. Tais modificações levam a uma menor produtividade, além de tornar as aves mais susceptíveis a doenças, o que culmina em prejuízos e menor rentabilidade com a atividade avícola. O pâncreas é um órgão com função endócrina (produz hormônios, como a insulina) e exócrino (produz enzimas digestivas). Problemas relacionados a este órgão podem levar a distúrbios do organismo como todo e especialmente prejudicar a digestão e assimilação dos nutrientes. No presente trabalho foi avaliado o efeito do estresse cíclico durante uma hora em diferentes idades de desafio sobre o peso relativo do pâncreas de frangos de corte. Foram utilizados 840 pintinhos machos da linhagem CobbAvian48™, alojados no primeiro dia de vida (criados até o 15º dia de vida de acordo com instruções do manual da linhagem) em esquema fatorial 4 x 4 com quatro idades de desafio (condições naturais de temperatura e umidade, estresse cíclico por calor de 16 a 21 dias, de 22 a 42 dias e de 16 a 42 dias) e quatro épocas (21, 28, 35 e 42 dias de idade). Aos 21, 28, 35 e 42 dias de vida foram abatidas seis aves e realizada a pesagem, em gramas, do pâncreas e calculada a porcentagem do órgão em relação ao peso vivo. A menor proporção de pâncreas foi observada nas aves mantidas em condições naturais de umidade e temperatura, porém não diferiu do

grupo de aves submetidas ao estresse cíclico do 22º ao 42º dia de idade. Não houve diferença estatística entre os grupos submetidos ao estresse cíclico. O desenvolvimento do pâncreas dentro das idades estudadas (21, 28, 35 e 42 dias) situou-se dentro do fisiologicamente esperado.

Palavras-chave: Aves. Estresse térmico. Órgão endócrino/exócrino.

Agradecimento: Ao apoio dado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais – FAPEMIG, para a participação no evento.

SAÚDE E PRODUÇÃO DE AVES E SUÍNOS

P-138

AMPUTAÇÃO DE PROLAPSO RETAL EM SUÍNO (SUS SCROFA)

Liédge Camila Simioni¹; Elza Maria Galvão Ciffoni²

¹Professora do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Tuiuti do Paraná; ²Professora do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Tuiuti do Paraná

Um suíno meio sangue Landrace, fêmea, de aproximadamente 15 meses foi levado ao Hospital Veterinário da Universidade Tuiuti do Paraná com prolapso retal de 10cm repleto de miíase e necrose na mucosa exposta. A correção cirúrgica foi efetuada com a amputação da parte comprometida do prolapso. Como protocolo anestésico foi usado xilazina na dose de 2mg/kg para a indução e Zooletil®50 na dose de 0,15ml/kg para a manutenção. Primeiramente foi colocada uma sonda no lúmen retal para servir como guia, depois foram aplicados pontos de fixação através de todas as camadas do prolapso e amputada a parte comprometida. A área de anastomose foi suturada com pontos simples com *catgut* 0, foram removidos os pontos de fixação e o reposicionado suavemente no local do canal anal. Por fim foi realizada uma sutura em bolsa de tabaco ao redor do ânus. Utilizou-se penicilina benzatina e flunixin meglumine como drogas pós-cirúrgicas. No pós-operatório o animal manteve-se internado no hospital com alimentação pastosa por quinze dias. Após este período, o animal apresentou plena normalidade e funcionalidade da ampola retal. Conclui-se então que a técnica cirúrgica utilizada concomitante com o pós-operatório adequado, foi eficiente no tratamento do prolapso retal com amputação.

Palavras-chave: prolapso retal, amputação.

SAÚDE E PRODUÇÃO DE AVES E SUÍNOS

P-139

ANÁLISE BROMATOLÓGICA DA FARINHA DA PARTE AÉREA DA ARARUTA (MARANTA ARUNDINACEA L. 1753) PARA USO NA SUPLEMENTAÇÃO DE GALOS CAIPIRA

Silvania Conceição Silva¹; Manoel de Jesus Rosa²; Gabriel da Silva Correia²; Isa de Cássia dos Santos de Brito²; Caio Silva Freitas²; Eliane da Silva de Jesus²; Jackueliny de Oliveira Costa²; José Eduardo Guimarães da Silva Filho²; Laiara Fernandes Rocha²; Marcio Greque Gomes Santos de Souza²; Rosimere Santana dos Santos²; Saulo Cunha da Silva²; Verena Lima Cordeiro²; Tais Lorena Almeida Figueiredo³; Ana Karina da Silva Cavalcante⁴

¹Discente do curso de Bacharelado em Biologia da UFRB; ²Discente do curso de Medicina Veterinária da UFRB, e-mail: manoesrosa.vet@hotmail.com; ³Aluna do ensino Médio; ⁴Docente do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da UFRB, e-mail: karina@ufrb.edu.br